

Congresso reabre sob protesto

Jornal de Brasília

da Cut

O Congresso Nacional foi reaberto, na manhã de ontem, com uma sessão solene que durou pouco mais de meia hora, tendo como cenário invisível, embora quase palpável, o "pacote" que mudou a economia brasileira, enfatizado tanto na mensagem presidencial, cuja parte introdutória foi lida em plenário, como no único discurso, pronunciado pelo presidente da Casa, o senador José Fragelli.

Numa antecipação do esvaziamento que ocorrerá neste ano eleitoral, não houve comparecimento de deputados e senadores para o quorum regimental. Contudo, isso não constituiu problema nenhum, e as cadeiras do plenário da Câmara foram ocupadas por autoridades diplomáticas, eclesiásticas, do Poder Judiciário e do próprio governo. Apenas cinco ministros não compareceram — Aureliano Chaves, Nelson Ribeiro, Iris Resende, Celso Furtado e Jorge Bornhausen. Na mesa dos trabalhos, um ramallete de flores verde e amarelas, ligeiramente murcho, pretendeu dar o ar de festa, sem êxito.

Às 9h45, o senador José Fragelli chegou ao edifício do Congresso e passou em revista às tropas do BGP postadas em sua homenagem. Bem atrás, em pleno gramado, grupos de pressão começaram a se manifestar.

A sessão começou às 10h17, atrasada, e as "vedetes" do plenário eram claramente identificadas: os ministros Dilson Funaro, João Sayad e Almir Pazzianotto, que continuavam a missão de explicar o "pacote", cercados de colegas e profissionais da imprensa. Funaro avançou, garantindo que os preços também seriam congelados pela média dos últimos seis meses, a exemplo dos salários, mas descartou uma exatidão matemática para os cálculos, observando que o produtor rural não pode ser penalizado, ao contrário dos assalariados.

Durante a leitura da mensagem, ninguém prestou muita atenção e, quando o senador Fragelli discursou, aconteceu a mesma coisa. Por isso mesmo, assim que acabou, lembrando que a Constituinte estava chegando, as palmas não surgiram de imediato e acabaram puxadas pelo ministro Marco Maciel, sentado na primeira fila do plenário.

Finda a sessão, os manifestantes, que no início da manhã estavam nos gramados do Congresso, tomaram as galerias. Misturados, membros da CUT, bancários, estudantes e um grupo pró-autonomia do Distrito Federal protestaram.

Cada vez mais entusiasmados, resolveram agredir o ministro Funaro, chamando até de "ladrão e entreguista". E o pior é que o responsável pela economia, ainda cercado de microfones por todos os lados, prosseguindo suas explicações sobre o "pacote", não teve outra saída senão ouvir os gritos. Além disso, sequer olhou os manifestantes. Ao final, em clima de confraternização, houve um coquetel no Salão Nobre do Senado.

O "pacote" não apenas marcou a sessão de reabertura do Congresso, como também a posição dos partidos: a parcela do PMDB que se insurgiu contra a reforma ministerial, cheirando o sucesso das medidas, indexou-se novamente à Aliança Democrática, enquanto o PFL não teve como assumir a paternidade da mudança, baixando um pouco a crista.

O PDS perdeu parte do seu novo ímpeto oposicionista, mas cerrou fileiras contra a diminuição dos salários, embutida de leve na nova política. Já o PDT desconfiou que as coisas podem dar certo e começou a temer que o governador Leonel Brizola não vá para a cabeça de novo na sucessão de José Sarney.

O PCB e o PC do B apoiaram as medidas em caráter preliminar, mas avisaram que podem, depois de um estudo mais aprofundado, mudar de posição. O PT, por ordem de Lula, não quer derrubar tudo, como um trator, porque o povo, por enquanto, está achando a coisa boa. Assim, terá de segurar a CUT. Finalmente, o PTB, com o janismo caindo de moda, perdeu a esperança de inchar.

Os representantes da CUT fizeram protestos gritando slogans contra as mudanças econômicas